

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO  
(ORGANIZADORA)



### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Solange Aparecida de Souza Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M775r Monteiro, Solange Aparecida de Souza.  
Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-451-1  
DOI 10.22533/at.ed.511203009

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I.Monteiro, Solange Aparecida de Souza..

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

### **SE UM DIA AS MULHERES ENFURECESSEM**

*Adriana Novais*

Em fúria não permitiriam que a televisão pautasse sua beleza.

Em fúria faliriam todas as clínicas de estéticas.

Jamais transariam sem vontade.

Se um dia as mulheres se enfurecessem não aceitariam que o Estado regesse seu corpo.

Em fúria decidiriam se queriam ou não, ter filhos.

Em fúria não usariam roupas desconfortáveis em nome da aparência.

Em fúria usariam apenas a que lhes dessem vontade.

Em fúria não permitiriam que a outra apanhasse.

Em fúria revidariam os tapas na cara, os chutes e os ponta pés.

Em fúria não seria escrava em sua própria casa.

Se um dia as mulheres se enfurecessem, calariam a boca dos padres e dos pastores que pregam o dever da sua submissão.

Em fúria denunciariam todos os abusos cometidos nas igrejas, no trabalho, nas delegacias, nos hospitais e aqueles cometidos dentro das suas casas.

Em fúria, ensinariam as filhas a se defenderem e os filhos a não estuprarem.

Ah! Se um dia as mulheres se enfurecessem, escrachariam todos os companheiros de luta, dos partidos e movimentos, colocariam a nu seu machismo disfarçado no discurso revolucionário.

Em fúria, ocupariam os jornais, as redes de televisão contra a misoginia e o racismo.

Um dia, irmanadas numa grande fúria, todas elas, de todos os lugares, de todas as etnias, esmagariam todas as correntes da sua opressão.

Esmagariam o Estado, a Igreja e a Propriedade

As práticas sexistas podem decidir o que pertence ao mundo masculino e ao feminino, reguladas em estereótipos culturais arraigados desde a idade medieval como um padrão heteronormativo que deve ser seguido pela sociedade, se alguém desviar-se do prescrito será estigmatizado dentro do seu meio. Conforme os relatos de estudiosos nesse e-book, essas práticas são reforçadas na instituição escolar através da diferenciação que alguns docentes fazem do menino e da menina, na formação das filas, dos crachás e até mesmo nas escolhas dos brinquedos. Assim quando as crianças escolhem brinquedos que não são recomendados para o seu gênero conforme o padrão heteronormativo elas são repreendidas na família, na escola e na sociedade

Finco (2003) aponta

[...] relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver. Nesse sentido, proporcionaremos a esses meninos e meninas a possibilidade de serem eles mesmos e percorrerem novos caminhos vivenciando a infância na sua inteireza sem a interferência de ninguém padronizando um perfil como certo ou errado (FINCO, 2003).

Para Louro (2000), desconstruir essa forma de pensar desmistifica esses dois planos homem e mulher, retira-se esse pensamento de como se fossem dois polos diferentes e não pudessem ocorrer as interações entre eles. Essa proposta da desconstrução das dicotomias busca enfatizar estes dois polos não existem, ocorre uma pluralidade e, através dessas dicotomias pode ser um dos primeiros passos para um questionamento das relações de gênero levando ao fim do sexismo. Para a autora, existe uma lógica dualista que rege as polaridades, desmontando não apenas a ideia de que cada um dos polos masculino e feminino está presente um no outro, mas também que as oposições foram e são historicamente construídas. Esse processo de desconstrução não ocorre de maneira simples, mas ao longo prazo através de uma reflexão sobre as formas como as crianças se relacionam diante das diferenças de gênero na infância. É de extrema necessidade desconstruir a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças: enquanto brinquedos e brincadeiras assumirem papéis de masculino ou feminino na escola estaremos fadados ao insucesso. Apesar de todas essas situações apresentadas estarem implícitas no dia a dia da escola e nas práticas pedagógicas de alguns docentes, a temática

ainda é muito restrita, geradora de medo, desconhecimento e pouco científico. Deve-se sair do senso comum, do conservadorismo, do obscurantismo, sobrepondo-se a vigilância epistêmica, no agir de forma questionadora, enfrentando o que nos causa tanto receio e que nos destina a fortalecer recrudescimento, desfazendo mitos e tabus no sentido de disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer pedagógico para emancipar por meio da educação e das meninas e dos meninos pode ser uma forma de florescer dentro dos muros das escolas.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

MUJERES Y EDUCACIÓN: UNA HISTORIA EN LA PROVINCIA MEXICANA A MEDIADOS DEL SIGLO XX

*Cirila Cervera Delgado*

*Mireya Martí Reyes*

*Esteffany Muñiz Paz*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030091**

### **CAPÍTULO 2..... 12**

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER EM TEMPOS DE PANDEMIA GERADA PELO NOVO CORONAVÍRUS: UMA REFLEXÃO ACERCA DA ATUAÇÃO DO ESTADO E O PAPEL DO DIREITO

*Andressa Santos de Almeida*

*Tercília Júlia Oliveira Rodrigues*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030092**

### **CAPÍTULO 3..... 24**

DIÁLOGOS ENTRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA IDENTIFICAÇÃO FEMININA, DA DICOTOMIA À FRAGMENTAÇÃO

*Rafaela Sepulveda Aleixo Lima*

*Laís Teixeira Lima*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030093**

### **CAPÍTULO 4..... 36**

A CULTURA MASCULINIZADA DO AUTOMÓVEL E A FORMAÇÃO DO MOTORISTA BRASILEIRO

*Carla Rezende Gomes*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030094**

### **CAPÍTULO 5..... 56**

A GAROTA PIN-UP: OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NA CONTEMPORANEIDADE

*Ana Paula Oliveira Barros*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030095**

### **CAPÍTULO 6..... 62**

DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DA DIFERENÇA SEXUAL

*Rogério Goulart da Silva*

**DOI 10.22533/at.ed.5112030096**

### **CAPÍTULO 7..... 73**

MEDICALIZAÇÃO E GÊNERO: BREVES REFLEXÕES SOBRE A CIÊNCIA E AS PRÁTICAS DE SAÚDE DA MULHER

*Júlia Gonçalves Barreto Baptista*

*Thais Maria Nogueira da Gama*

Paula Land Curi

**DOI 10.22533/at.ed.5112030097**

**CAPÍTULO 8..... 84**

ESTUDO DISCURSIVO SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Roberto Bezerra Costa

**DOI 10.22533/at.ed.5112030098**

**CAPÍTULO 9..... 96**

UMA VOZ FEMININA E DISSONANTE NA EDUCAÇÃO DO TERRITÓRIO FEDERAL DO ACRE 1946 -1950: MARIA ANGÉLICA DE CASTRO

Cleyde Oliveira de Castro

Murilena Pinheiro de Almeida

Maria de Lourdes Esteves Bezerra

Maria Evanilde Barbosa Sobrinho

Emerson Marques Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.5112030099**

**CAPÍTULO 10..... 110**

VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU

Jascira da Silva Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300910**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

ASSÉDIO MORAL NO TRABALHO: OS REFLEXOS DO PATRIARCADO NAS RELAÇÕES LABORAIS FEMININAS

Leticia dos Santos Sousa

**DOI 10.22533/at.ed.51120300911**

**CAPÍTULO 12..... 123**

GERENCIALISMO NEOLIBERAL E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA MULHERES

Paula da Luz Galvão

**DOI 10.22533/at.ed.51120300912**

**CAPÍTULO 13..... 134**

PERCEÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE ACERCA DO FENÔMENO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Heintze Ferreira

Franciéle Marabotti Costa Leite

Letícia Peisino Buleriano

Rita de Cássia Duarte Lima

**DOI 10.22533/at.ed.51120300913**

**CAPÍTULO 14..... 155**

PERFORMANCE DE GÊNERO: HETEROTOPIAS INVENTIVAS NA EDUCAÇÃO

Caroline do Socorro Freitas Maciel

José Valdinei Albuquerque Miranda

DOI 10.22533/at.ed.51120300914

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>165</b>
A FORÇA SIMBÓLICA DAS POLÍTICAS DE COTAS DE GÊNERO NO BRASIL	
Pollyane Cunha Ferreira	
Rita de Cássia Alanna Pereira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.51120300915	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>187</b>
A INSERÇÃO DAS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO PARA AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO MARANHÃO	
Rosylene Conceição Soares Cutrim	
Sirlene Mota Pinheiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51120300916	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>201</b>
PRESENÇA DAS MULHERES NOS SINDICATOS DOCENTES NO BRASIL	
Adenilde de Souza Dantas	
Maria Helena Santana Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.51120300917	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>214</b>
SOBRE ESPAÇOS DE TEORIZAÇÃO FEMINISTA E SUAS OPRESSÕES	
Jacqueline Mary Soares de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51120300918	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>224</b>
AS LACUNAS DE GÊNERO NA DOCÊNCIA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS	
Glauce Margarida da Hora Medeiros	
Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão	
DOI 10.22533/at.ed.51120300919	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>242</b>
REDES DE SOCIABILIDADE, RELAÇÕES DE GÊNERO E EMPODERAMENTO DO FUTEBOL FEMININO	
Reinaldo Eduardo da Silva Sales	
Mayara Mendes Leal	
Helen Batista da Silva	
Ítalo Fabiano Corrêa Silva	
Paulo Henrique Garcia da Silva	
Thiago Roniere do Rosário Matos	
DOI 10.22533/at.ed.51120300920	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>253</b>
INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA MELHORIA DE CONHECIMENTO SOBRE IST/HIV/ AIDS ENTRE ADOLESCENTES E JOVENS	
Karoline Pontes Cavalcante Manguinho	
Priscila de Vasconcelos Monteiro	

Maria Lúcia Duarte Pereira  
Monalisa Rodrigues da Cruz  
Catarina Laborê Vidal Fernandes  
Alana Kelly Áfio Caetano  
Bruna Karine Amorim da Costa  
Rita Maria Silva Almeida  
Rayssa Veras Camelo  
Rita de Cássia Gadelha da Silva  
Rachel Cabral Mota  
Laryssa Sá Machado

**DOI 10.22533/at.ed.51120300921**

**CAPÍTULO 22.....259**

**GÊNERO, SEXUALIDADE E SUBJETIVIDADE: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
Melissa Camilo  
Débora Cristina Machado Cornélio  
Débora Fernandez Antonon Silvestre  
Marilurdes Cruz Borges  
Jeize Loici Back  
Monique Delgado de Faria  
Fabrício Augusto Correia da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.51120300922**

**SOBRE A ORGANIZADORA.....277**

**ÍNDICE REMISSIVO.....278**

## VIOLÊNCIA CONTRA MULHER: O CASO DAS QUEBRadeiras DE COCO BABAÇU

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 21/07/2020

**Jascira da Silva Lima**

Universidade Federal do Maranhão, campus  
VII, Codó-MA  
<http://lattes.cnpq.br/6594362107605882>

**RESUMO:** O tema da violência contra a mulher apresenta-se como um dos principais componentes das motivações do processo de mobilização, organização e formação das identidades das extrativistas do babaçu. Através de longo processo de observação pude perceber o quanto o tema perpassa os discursos das mulheres lideranças do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, mesmo aquele centrado na violência física. Nesse sentido tornou-se desafiador investigar e analisar a violência simbólica a qual também estão sujeitas. Ao ampliar o conceito de violência a partir de BOURDIEU (1998) e CHAUI (1985) passei a compreender a condição de sujeito objeto, dependente e silenciada, tão naturalizado e compartilhado entre elas e os “outros,” o que considero como elemento agregador e mobilizador para lutas protagonizadas por mulheres que se identificam como quebradeiras de coco babaçu.

**PALAVRAS CHAVE:** Violências, Quebradeira de Coco Babaçu, Identidades.

### VIOLENCE AGAINST WOMEN: THE CASE OF BABASSU COCONUT BREAKERS.

**ABSTRACT:** The theme of violence against women is presented as one of the main components in the motivations of the process of mobilization, organization and formation of the identities of babassu extractivists. Through a long process of observation, I could see how much the theme permeates the speeches of the women leaders of the Interstate Movement of the Coco Babassu Breakers - MIQCB, even the one centered on physical violence. In this sense, it became challenging to investigate and analyze the symbolic violence to which they are also subject. By expanding the concept of violence from BOURDIEU (1998) and CHAUI (1985), I began to understand the condition of object subject, dependent and silenced, so naturalized and shared between them and the “others,” which I consider as an aggregating element and mobilizer for struggles led by babassu coconut breakers.

**KEYWORDS:** Violence, Babassu Coco Breaker, Identities.

### 1 | INTRODUÇÃO

O principal objetivo desse estudo é fazer uma reflexão sobre como as quebradeiras de coco babaçu, militantes do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB percebem e enfrentam as situações de violência e desigualdade de gênero às quais estão sujeitas no contexto da luta por reconhecimento e pelo “babaçu livre”.

## 2 | O PERCURSO METODOLÓGICO

A construção deste estudo seguiu o rigoroso processo de observação participante nos eventos do MIQCB, dos anos de 2015 a 2019, nos estados do Piauí e Maranhão. Segundo BOGDAN e TAYLOR (1975), este método possibilita interações sociais intensas entre o investigador e o sujeito, sendo o procedimento da observação participante o momento em que os dados são recolhidos de forma sistematizada. O registro das formas de violência sofrida por estas mulheres ocorreu com uso da técnica de entrevista semiestruturada, pois, segundo SELTZ (1987), o uso desta possibilita interpelar pessoas que não sabem ou tem determinadas deficiências na leitura e na escrita, além de possibilitar a correção de enganos que não podem ser corrigidas em questionários escritos. As mulheres lideranças com as quais estabeleci diálogos na pesquisa de campo possuem, em média, o ensino fundamental na educação formal.

Para problematização e análise da questão da violência recorri a BOURDIEU (1998) e CHAUI (1985), pois estes me ajudaram a avançar para além dos limites impostos nas formas de violência física, apreendendo assim os tipos de violência simbólica imbricadas em situações vividas por sujeitos sociais em interações humanas. Das falas das mulheres, muitas foram proferidas nos eventos que observei, nas entrevistas que fiz, como também na seleção das entrevistas concedidas por elas aos meios de comunicação de massa, ou mesmo, em rodas de “conversas informais”, momentos de descontração para elas e de conectar informações importantes para minhas análises. Através destas informações pude complementar, atualizar e validar dados levantados em documentos do próprio MIQCB e em trabalhos científicos de pesquisadores/as do tema.

## 3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde 1991, as quebradeiras de coco babaçu, com o apoio de organizações não governamentais, se organizam através do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB, nos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, regiões onde há maior incidência da palmeira do babaçu. Este movimento emerge como uma organização que representa os interesses sociais, políticos e econômicos de mulheres que culturalmente sobrevivem da extração do coco babaçu. O grupo oportuniza as mulheres serem vistas e reconhecidas em espaços públicos e privados através da valorização de suas tradições e saberes oriundos da cultura de extração do babaçu, produzindo e comercializando, especialmente, azeite e artesanato. (MIQCB, 2018). Ao longo de décadas estas mulheres lutam pelo reconhecimento de suas identidades culturais, o que vem lhes garantindo a conquista de direitos como acesso a terra, a produção e comercialização dos subprodutos do babaçu. Observei que as identidades das mulheres que se manifestam no MIQCB são, por vezes, fugidias, instáveis e tem múltiplos apelos, de forma que uma mesma mulher pode ser percebida e atravessada por múltiplos e diferentes marcadores de diferenciação social com os quais se identifica.

Segundo HALL (1987), ao fazer o debate sobre a formação das identidades culturais na modernidade, aponta que na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados com a multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. Uma característica que pode ser constatada junto as extrativistas que se identificam como mulheres, mães, agricultoras, quebradeiras de coco, artesãs, dentre outras, a depender dos espaços público/privado onde estejam militando.

Quando mulheres de diferentes estados da federação brasileira se reúnem em um mesmo espaço (assembleias, reuniões, que ocorrem dentro do calendário específico do movimento) é possível identificar elementos comuns que as aproximam, mobilizam, tais como, a autoafirmação da identidade política de quebradeira de coco babaçu, o direito a terra e livre acesso ao babaçual, além do enfrentamento ao silenciamento e a violência.

“Existem as florestas de babaçu, se elas não existissem, nós não estaríamos aqui. É um equívoco de quem pensa que não existe floresta de babaçu” Maria do Socorro, (MIQCB do Tocantins, 2015).

Constata-se tanto em eventos internos como externos o tom argumentativo/reivindicativo das extrativistas, o que citei acima, ocorreu em 01/06/2015, quando dona Maria do Socorro concedeu entrevista à rádio Empresa Brasileira de Comunicação – EBC/DF. Na entrevista manifesta indignação e contra ponto ao argumento dos pecuaristas de que as quebradeiras de coco estariam em extinção, portanto a terra deveria ser reservada para áreas de pastagem. A concessão da entrevista se deu por ocasião da Marcha das Margaridas, que é a ação estratégica de fortalecimento das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas de mulheres. É o momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, culminando com a marcha em Brasília-DF. Este evento tem como objetivo proporcionar reflexões sobre as condições de vida das mulheres do campo e da floresta. Por ser permanente, é neste evento que as mulheres trabalhadoras rurais seguem lutando para inserir na pauta dos governos suas reivindicações. (<http://fetase.org.br/mobilizacoes/marcha-das-margaridas/>, em 12/11/2018).

Nesta mesma ocasião dona Maria do Socorro denuncia ainda que, devido ao cercamento das áreas de babaçual, as mulheres quebradeiras de coco sofrem situações de extrema violência, quando coletam coco em florestas cercadas e vigiadas por “jagunços”.

“Existe a violência das cercas elétricas, violência como um todo. É búfalo na região do Maranhão, grandes empresas em todas as regiões, porque as grandes empresas compram o babaçu, escravizam as pessoas, coloca veneno pra matar a palmeira, assim tá violentando o meio ambiente. Na época nossa, de que o babaçu tinha dono, era preso, as mulheres não podiam pegar o coco, pegar dentro das soltas, das quintas dos fazendeiros, porque

eles (jagunços) estupravam as quebradeiras, eles tomavam o coco de tarde quando elas vinham voltando pra casa, tomavam, derramavam, vendiam, faziam tudo. A questão é que judiavam com elas. Nós temos quebradeiras que foram arrastadas pelos jagunços com corda no pescoço. A gente teve quebradeira que foi estuprada e depois morta pelos porcos na mata. Ele mesmo (estuprador) não jogou, mas lá onde ele estuprou ele deixou o corpo da mulher estuprada, aí os bichos tomaram de conta dela, quando encontraram o corpo já estava toda acabada” (Maria do Socorro, MIQCB-TO, 2015).

Em decorrência dessas vivências o tema da violência contra a mulher aparece como componente nas motivações do processo de sensibilização, organização e formação das quebradeiras de coco babaçu, sendo pauta de reivindicação nos eventos e rodadas de negociação que participam, a exemplo da Marcha das Margaridas.

A disseminação do debate internacional sobre os enfrentamentos das violências contra as mulheres exercem influencia na forma como os movimentos sociais de mulheres no Brasil compreendem e abordam o tema.

De acordo com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, toda e qualquer ação ou conduta, baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado deve ser caracterizada como ato de violência, portanto passivo de ação punitiva por parte dos organismos de Estado. É essa concepção discutida e adotada pela Organização dos Estados Americanos OEA, desde 1994, que influencia a luta dos movimentos sociais de mulheres no Brasil, a exemplo do MIQCB e que é pauta de negociação em ações do movimento.

O combate à violência tornou-se plataforma política do movimento, como expressada na fala de dona Maria do Socorro e reforçada por dona Francisca Machado:

[...] O pensamento agora é capacitar as mulheres para enfrentar essas coisas da violência tanto aqui, como lá fora. O MIQCB tem suas reuniões, tem conquistas, agora a responsabilidade é maior. Nós mulher, trabalhadora, nós tem um defeito que é fazer as coisas com honestidade, de querer fazer as coisas bem feito, querer que tudo de certo. No inicio a gente tinha aquela ansiedade de chegar lá, agora nós estamos. Hoje a demanda é muito grande e diferente. Agora nós tem uma demanda muito grande, a responsabilidade dobra, porque agora nós já tem conquista, nos já tamo produzindo, comercializando, nós tem nosso dinheirinho [...] É cuidar da saúde da mulher para que não seja estuprada. (Francisca Machado, MIQCB-PI, 2015).

Os discursos no MIQCB sobre violência contra mulher estão focados na violência física (visual), ou seja, naquela entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher praticada com uso de força física do agressor que machuca a vítima de várias maneiras, ou ainda, com o uso de armas para bater, chutar, queimar, cortar ou mutilar, (OEA, 1994). Com base nos relatos apresentados de violência física sofridas pelas quebradeiras de coco babaçu foi possível compreender as circunstancia que fazem com que esse tipo de violência se torne debate latente entre elas, o que torna desafiador

elaborar discussão que interprete as nuances da violência simbólica a qual também estão sujeitas.

Segundo BOURDIEU (1998), para que a violência simbólica seja exercida pelo corpo sem coação física, causando danos morais e psicológicos é necessário que a própria vítima reconheça a imposição do dano, seja este econômica, social ou simbólica. Para BOURDIEU (1998), a violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante.

No caso das extrativistas do babaçu, só é possível perceber a dimensão da violência simbólica sofrida por elas na medida em que se torna possível ilustrar a forma como o discurso do opressor, seja ele o jagunço, o marido, ou, o próprio Estado, age de diferentes formas sobre elas. Essas dificuldades de percepção da violência simbólica se configuram na contrariedade do grupo para definir as estratégias de enfrentamento da mesma, como se referiu dona Francisca.

“Tinha duas coisas que eram muito difícil que era a questão do conflito e da violência. No início a discussão sobre a violência era sem rumo, sem conhecimento, e com muito medo. Porque era o marido, os filhos, então era muito difícil. As mulheres choravam porque a violência era tão grande que elas não sabiam o que era prazer. As doenças sexualmente transmissíveis eram chamadas de doença do mundo [...] Olha quantas mulheres choravam pra gente falando dessa questão da violência, ou não querendo falar o que sentiam, as mulheres não sabiam o que era prazer sexual [...]” (Francisca Machado, MIQCB-PI, 2015).

O depoimento me ajudou a compreender que, para além das questões materiais e políticas articuladas em torno da luta pela terra, o MIQCB é um movimento de mulheres cuja dinâmica de interação, formação e compartilhamento de experiências de vida é, ao longo da história, exercício com o qual puderam consolidar a autoconfiança entre elas, o que fortalece a autonomia do movimento. O histórico de violência e desigualdade partilhadas entre elas fez com que, ao longo do tempo, a discussão e a formação em torno dessa questão fossem problematizadas como diferenças no papel social desempenhado por homens e mulheres e não somente como questões sexuais (especialmente relacionadas ao prazer sexual e as doenças sexualmente transmissíveis). Em processos posteriores da história do movimento, quando a autoconfiança e os cuidados entre si se consubstanciam, o debate sobre o tema amplia-se para outras dimensões, como argumenta dona Toinha:

A discussão necessária e sempre atual é a discussão de gênero. É a mulher participar da discussão, sem violência, porque apesar de anos a gente ainda encontra nas comunidades muita mulher oprimida, muitas que dizem que não vão, não participam do movimento porque o marido não deixa, ou, eu não posso ir porque meu marido não fica com os meninos. Isso ainda é muito cruel e atual e precisa continuar com a discussão. (Toinha, MIQCB-MA, 2015).

A fala de dona Antônia Gomes (Toinha) também retoma a necessidade de ampliar a discussão sobre os diferentes tipos de violência sofrida por elas, especialmente aquelas cujo agressor é o próprio companheiro no espaço privado da casa.

Marilena CHAÚÍ (1985), no trabalho intitulado “Participando do Debate sobre Mulher e Violência” concebe violência contra as mulheres como resultado de determinada ideologia de dominação masculina produzida e reproduzida tanto por homens como por mulheres. A referida autora define violência como ação que transforma diferenças em desigualdades hierárquicas com o fim de dominar, explorar e oprimir. A ação violenta trata o ser dominado como “objeto” e não como “sujeito”, o qual é silenciado e se torna dependente e passivo. Nesse sentido, o ser dominado perde sua autonomia, ou seja, sua liberdade, entendida como “capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir”. Ainda segundo a concepção de CHAÚÍ (1985), violência contra as mulheres resulta de ideologia que define a condição “feminina” como inferior à condição “masculina”. As diferenças entre o feminino e o masculino são transformadas em desigualdades hierárquicas através de discursos masculinos sobre a mulher, assim, ao contrário do sujeito masculino, o sujeito feminino é um ser “dependente”, destituído de liberdade para pensar, querer, sentir e agir autonomamente. Ao ampliar o conceito de violência sofrido pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu passei a compreender a condição de sujeito objeto, dependente e silenciada, tão naturalizado e compartilhado entre elas e os outros, porém que vem sendo desconstruído, quando passamos a reconhecer seu protagonismo, especialmente nos momentos de crise de lutas históricas pela terra e acesso ao babaçual, quando foram elas que assumiram a linha de frente.

Nas últimas décadas, embora observe-se que persistem diferentes formas de violência contra estas mulheres. Em 2017 o deputado estadual José Bonifácio (PR - TO) apresentou à Assembleia Legislativa do Tocantins o Projeto de Lei 194/2017, objetivando autorizar a incineração do coco babaçu inteiro, alterando dispositivos da Lei Estadual 1.959/2008 que protege os babaçuais e seu fruto. A proposta retira a proteção ao tradicional beneficiamento agroecológico realizado pelas coletividades de quebradeiras de coco e significa um ataque direto à existência de milhares de mulheres que retiram seu sustento dos produtos derivados do coco (farinha, azeite, sabonete, óleo, dentre outros), no estado do Tocantins, mas que reverbera nos outros estados de incidência da floresta de babaçu. Contudo, o MIQCB continua sua atuação nos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, com o apoio de organizações internacionais como a União Europeia, permanece desenvolvendo ações direcionadas para o fortalecimento da luta pela sua própria existência e implementação de políticas públicas que assegurem e resguarde os direitos das comunidades e povos e tradicionais. “Quebradeiras de coco babaçu lutam por sua sobrevivência”, (MIQCB, 2020).

Em 2018 as quebradeiras de coco babaçu no Maranhão e Piauí, por exemplo, debateram não somente sobre a situação de violência e ameaças sofridas por elas,

como também marcaram o dia dedicado a elas, celebrado no dia 24 de setembro, com manifestações de ruas nas cidades de Lago dos Rodrigues, na região do Mearim Maranhense e pelas ruas da cidade de Miguel Alves, no Piauí, com o intuito de mostrar a sociedade como é possível o bem viver a partir da quebra do coco babaçu, desde que seus direitos e garantias fundamentais sejam respeitados, (MIQCB, 2020).

O MIQCB, enquanto organização representativa dessas mulheres cumpre o papel de preservar a memória de luta das mulheres e o seu protagonismo na história, registrando em livros, cartilhas, documentários e músicas a cultura e os saberes tradicionais dos povos das florestas de babaçu, (disponível em: [www.miqcb.org.br](http://www.miqcb.org.br)).

Delineada essa marcação de opressão e desigualdade que impulsiona reações de enfrentamento que surpreendem a elas mesmas, como expressou dona Francisca Machado (2015): “[...] a gente às vezes até fica calada, achando que tá falando demais”; elas vão articulando, criando e fortalecendo espaços onde se revigoram como grupo identitário para os enfrentamentos em espaços públicos mistos (com presença de homens e mulheres) como sindicatos, associações, cooperativas, onde são os homens (que ocupando espaços privilegiados de poder) pautam a discussão sobre relações de desigualdade do gênero.

Como o tema da violência física é recorrente nas rodas de conversas das mulheres, especialmente quando estão na quebra do coco na floresta, ocasião em que fazem uma roda em torno da montanha de babaçu, como ilustra a figura abaixo.



(Fonte: MIQCB, 2015)

Enquanto quebram coco é comum entre as mulheres conversarem sobre suas vidas, contando histórias de violência, falando sobre o movimento, sobre acontecimentos na comunidade e para além dela. Este hábito, que se observa ainda hoje, também é percebido

durante as reuniões e assembleias do MIQCB e se configura como momento em que as amarras hierárquicas e as desigualdades entre homens e mulheres não são percebidas, não somente pela ausência dos homens, mas também pela teia de confiança estabelecida entre elas. Nota-se fluidez na partilha das experiências e na construção dos acordos para a condução política do movimento.

## 4 | CONSIDERAÇÕES

Na histórica de luta pela terra e livre acesso às áreas de babaçual, protagonizada pelas extrativistas do babaçu estas mulheres vivenciam situações de violência que vão desde a negação de sua existência como sujeita de direitos, passando por atos de extrema violência física que provocaram a morte de algumas. Entretanto situações como estas impulsionaram sua auto identificação como quebradeira de coco babaçu, bem como sua auto-organização em torno do MIQCB, onde veem desenvolvendo estratégias de reconhecimento e enfrentamento aos diversos tipos de violência aos quais estão sujeitas.

## REFERÊNCIAS

BOGDAN, R; TAYLOR, S (1975). **Introduction to qualitative research methods: a phenomenological approach to the social sciences**. New York. J. Wiley.

BOURDIEU, P. (1990/1995). **A dominação masculina**. Educação e Realidade, 20(2), pp. 133-184.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.

CHAUÍ, Marilena. **“Participando do Debate sobre Mulher e Violência”**. In: Franchetto, Bruna, Cavalcanti, Maria Laura V. C. e Heilborn, Maria Luiza (org.). *Perspectivas Antropológicas da Mulher 4*, São Paulo, Zahar Editores, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed., 1. reimp. – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

SELLTIZ, Claire ET allii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Marta Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU, 1987.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise de Discurso 84, 90, 224, 227, 239

Assédio 118, 119, 120, 121, 122, 183, 203

### C

Cidadania 20, 36, 53, 54, 65, 126, 172, 187, 191, 193, 199, 226, 238, 272, 273, 274

Coeducação 62, 70, 71

Cultura 24, 96, 97, 99, 104, 105, 106, 108, 155, 213, 241, 272, 273, 277

Cultura Machista 96

### D

Desigualdade 12, 16, 26, 63, 64, 110, 114, 116, 120, 134, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 177, 178, 188, 194, 224, 226, 237, 238, 239, 271

Diferença Sexual 28, 31, 32, 62, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 157, 190

### E

Educação 35, 36, 38, 41, 53, 54, 55, 62, 68, 70, 71, 83, 94, 96, 97, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 117, 155, 164, 187, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 212, 213, 226, 228, 240, 241, 252, 254, 263, 268, 272, 273, 274, 275, 276, 277

Educação Formal 111, 132, 140, 142

Ensino de Língua Portuguesa 84, 85

Estereótipos 16, 39, 41, 44, 62, 63, 68, 69, 71, 80, 84, 85, 91, 162, 202, 218, 249, 250, 265, 276

### F

Feminismo 24, 25, 26, 27, 28, 31, 35, 66, 82, 83, 123, 131, 154, 164, 165, 167, 168, 169, 172, 184, 186, 202, 212, 214, 216, 218, 220, 221, 222, 223, 270

Formação de Motoristas 36

### G

Gerencialismo Neoliberal 123

Gestão Educacional 96

### I

Identidade de Gênero 29, 70, 84, 91, 192, 193, 195, 197, 209, 210, 212

Identidade Feminina 24, 25, 27, 28, 30, 34, 87, 147, 210

Identidades 25, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 55, 61, 63, 84, 85, 93, 110, 111, 112, 132, 157, 196, 197, 201, 202, 207, 216, 221, 228, 233, 237, 268, 270, 271, 274, 275, 276

Imagem 40, 43, 56, 57, 58, 59, 61, 98, 133, 161, 162, 211, 226, 245, 273

Isolamento 12, 13, 16, 17, 18, 21, 23, 118

## **M**

Masculinidades 36, 39, 55, 89

Medicalização 73, 76, 77, 78, 79, 80, 83

Moral 5, 10, 15, 53, 60, 99, 118, 119, 120, 121, 137, 143, 146, 147, 157

Mulher 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 42, 43, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 91, 92, 96, 98, 108, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 159, 167, 168, 169, 170, 172, 178, 181, 183, 184, 187, 190, 194, 195, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 225, 226, 227, 228, 230, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 241, 243, 247, 248, 249, 250, 252, 259, 260, 261, 266, 273, 274, 275, 276

Mulheres 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 39, 40, 44, 49, 51, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 201, 202, 203, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 259, 260, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271, 273

## **P**

Papéis de Gênero 36, 51, 54, 194

Patriarcalismo 26, 118, 119, 120, 121, 203, 212

Pin-Up 56, 57, 59, 60, 61

Políticas Públicas 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 166, 183, 190, 192, 194, 195, 221, 236, 240

Práticas Escolares 96, 102, 274

## **Q**

Quebradeira de Coco Babaçu 110, 112, 117

## **S**

Saúde da Mulher 73, 74, 80, 82, 113, 134, 142, 145, 149, 150, 152

Século XX 108

Sexualidade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 54, 57, 58, 60, 61, 63, 66, 70, 71, 77, 79, 82, 83, 94, 95, 132, 143, 155, 156, 159, 163, 164, 169, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 212, 213, 216, 243, 244, 248, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277

## **T**

Trabalhista 118, 203

Trânsito 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 159, 214, 218, 219, 220, 221

## **V**

Violências 13, 15, 110, 113, 143, 198, 268, 269, 270, 271

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS 2

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 